

LINGUASAGEM

O *ETHOS* DO HOMEM DE BEM DE JAIR BOLSONARO: O CANTO DA SEREIA GOVERNAMENTAL

Rilari Lorena de Anhaia da SILVA (UFSC/CNPq)¹
Renata de Oliveira CARREON (Unicamp/FAPESP)²

Resumo

Em 2018, durante a eleição presidencial, um acontecimento histórico e discursivo fez com que um candidato inusitado, filiado a um partido de menor representatividade, irrompesse como principal nome da oposição ao então atual governo do PT, levando Jair Messias Bolsonaro a eleger-se como presidente da República Federativa do Brasil. Tendo isso em vista, este artigo objetiva compreender a construção do *ethos* de Bolsonaro em três de seus pronunciamentos públicos, hospedados no *YouTube*. Mais especificamente, buscamos compreender de que modo a imagem de “homem de bem” irrompeu desses enunciados, arrebatando grande parte do eleitorado e, por consequência, levando-o à posição de Chefe de Estado. Para tanto, a presente investigação inscreve-se na área de Análise do Discurso de orientação francesa e mobiliza, principalmente, a teoria desenvolvida por Dominique Maingueneau (2008a, 2008b, 2011, 2020) sobre a noção de *ethos* e de cenas da enunciação.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Discurso político; *Ethos*; Bolsonaro.

Resumen

En 2018, durante la elección presidencial, un hecho histórico y discursivo hizo que un candidato inusual, afiliado a un partido menos representativo, emergiera como el nombre principal de la oposición al entonces gobierno del PT, lo que llevó a Jair Messias Bolsonaro a ser elegido como Presidente de la República Federativa de Brasil. Con eso en mente, este artículo tiene como objetivo comprender la construcción del *ethos* de Bolsonaro en tres de sus pronunciamientos públicos, alojados en *YouTube*. Más específicamente, buscamos entender cómo la imagen de un “hombre de bien” surgió de estas declaraciones, arrebatando una gran parte del electorado y, en consecuencia, llevándolo al cargo de Jefe de Estado. Para ello, la presente investigación se enmarca en el área de Análisis del Discurso de orientación francesa y moviliza principalmente la teoría desarrollada por Dominique Maingueneau (2008a, 2008b, 2011, 2020) sobre la noción de *ethos* y escenas de enunciación.

Introdução

Historicamente, no Brasil há uma polaridade política marcada por posicionamentos que, constantemente, materializam o embate ideológico durante as

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: rilariorena@gmail.com

² Professora permanente do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LABJOR/Unicamp). Pós-doutoranda na Universidade Estadual de Campinas (LAEURB/Unicamp) e bolsista FAPESP (processo número 2021/07055-1). Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Membro do LEEDIM (UFSCar) e do E-urbano (Unicamp). E-mail: renatacarreon@gmail.com

corridas presidenciais. Protagonistas dessa polarização, o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) dividiram as disputas em segundo turno desde a década de 1990, conforme apontam Limongi e Cortez:

Vistas em conjunto, as eleições presidenciais revelam uma clara estruturação: PT e PSDB foram os únicos a concorrer em todas elas, tendo chegado à frente em cinco delas. Eleições presidenciais no Brasil têm sido eleições bi-partidárias. (LIMONGI; CORTEZ, 2010, p. 22)

No contrafluxo dessa afirmação, a campanha eleitoral de 2018 surge para interromper esse embate: o então deputado federal Jair Messias Bolsonaro, de 63 anos, que estava filiado ao PSC (Partido Social Cristão) e, em seguida, filiou-se ao PSL (Partido Social Liberal), lançou candidatura presidencial ao lado do general da reserva do Exército, Hamilton Mourão, do PRTB (Partido Renovador Trabalhista Brasileiro), oficializado como seu vice. Concorrente direto de Fernando Haddad, do PT, Bolsonaro chegou à presidência em 28 de outubro de 2018, no segundo turno eleitoral, conquistando 55,13% dos votos válidos, contra 44,87% de Haddad.

Adotando técnica semelhante à do então presidente do EUA, Donald Trump, Bolsonaro fez uso de *bots*³, elegendo-se a partir do singular uso de suas redes sociais que, além de serem palco da exposição de sua vida íntima em *posts*⁴, foram utilizadas para a promoção de *lives* pelas quais o candidato mantinha a população brasileira informada. Estratégia vencedora: pela primeira vez na história eleitoral do país, testemunhamos a corrida presidencial ser definida por campanhas feitas de modo *online*.

Para refletir a respeito desse método vencedor a partir do arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso (doravante AD), tomamos a teorização de Dominique Maingueneau sobre a construção das imagens de si, a respeito da noção de *ethos* e da noção de cenografia, pois conforme já destacamos em outros trabalhos (CARREON, 2018), reconhecemos que para compreender qualquer cena ligada à campanha eleitoral é necessário debruçar-se sobre essa questão para entender como acontece o processo de constituição das imagens de si que geram adesão do eleitorado.

³ São *softwares* automatizados programados para executar determinadas tarefas repetitivas rapidamente, imitando ou substituindo o comportamento de um usuário humano. Geralmente operam em uma rede, sendo que mais da metade do tráfego da *internet* é formada por bots que leem conteúdo, interagem com páginas da *web*, conversam com usuários ou procuram alvos de ataque.

⁴ Mensagens, textos, imagens ou qualquer outro conteúdo publicado na *internet*, especialmente em redes sociais.

Nesse sentido, depreendemos que o discurso político sempre está inerentemente atado à construção de *ethos* e às cenografias que o sustentam.

Estabelecemos como *corpus* de pesquisa alguns recortes discursivos de três vídeos hospedados na plataforma de compartilhamento de vídeos, *YouTube*, intitulados “Bolsonaro anuncia novo ministro do STF terrivelmente evangélico e é altamente aplaudido pela bancada (10/07/2019)”; “Em live, Bolsonaro fala em extinguir Ancine e ampliar legítima defesa (25/07/2019)” e “Presidente Jair Bolsonaro participa da Marcha para Jesus em Brasília/DF (10/08/2019)”.

Convém ressaltarmos aqui que o nosso trabalho não tem como objetivo analisar mais um *ethos* no discurso político, questão já bastante explorada por diversos autores brasileiros e franceses e tema de um livro inteiro (CHARAUDEAU, 2008). Esta pesquisa objetiva analisar o *ethos* vencedor que evidencia o que temos defendido há muito tempo: o *ethos* não está ligado ao sujeito empírico.

Ademais, se tivermos no horizonte que “além da persuasão por argumentos, a noção de *ethos* permite, de fato, refletir sobre o processo mais geral da adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva” (MAINGUENEAU, 2011, p. 69), podemos compreender também como se deu a massiva adesão ao discurso bolsonarista, visto que existe um *ethos* aderente, que persuade, encanta e mobiliza. Pensando nesse “canto da sereia”⁵ construído pelo candidato durante as eleições que, entre outros fatores, lhe trouxe a faixa presidencial, lançamos a hipótese da construção do *ethos* de homem de bem de Jair Messias Bolsonaro, ancorado, sobretudo, nas duas principais cenografias que sustentam esse *ethos*: a de pai de família e a de cristão.

O *ethos* em questão, o de homem de bem, materializa e reafirma que fazer AD é posicionar-se enquanto analista ideologicamente interpelado que, vendo a governança deste sujeito, se inquieta com aquele *ethos* de 2018 que o levou à vitória. É também em função do cenário contemporâneo que justificamos o material de análise de quatro anos atrás, pois é preciso voltar e compreender como o improvável, o impudico, gerou adesão a ponto de quebrar a polarização histórica entre dois grandes partidos e levou para si o prêmio máximo: a direção da nação brasileira. Isso se justifica, sobretudo, às vésperas de nova eleição. É preciso, como analistas, compreender fatos de linguagem contemporâneos que, diante da história do presente, materializam os desvãos da política brasileira recente.

⁵ Utilizamos essa expressão como referência à sedução, ao engodo e à ilusão.

Sobre as imagens de si

A noção de *ethos*

Desde a origem, “a noção de *ethos* não tem um valor unívoco. O termo “*ethos*”, em grego, tem um sentido pouco específico e se presta a múltiplos investimentos: em retórica, em moral, em política, em música...” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 62). Embora a concepção de *ethos* que interessa à AD seja originalmente encontrada na *Retórica*, de Aristóteles (384-322 a.C.), Maingueneau elabora sua teoria a respeito do *ethos* discursivo fazendo modulações contemporâneas, as quais serão aqui focalizadas.

Sem desconsiderar por completo a noção aristotélica, Maingueneau assume que, assim como defendido na obra de Aristóteles, a *persuasão* é um dos elementos constitutivos de *ethos*, uma vez que ele “consiste em causar boa impressão mediante a forma com que se constrói o discurso, em dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 56). Maingueneau também afirma que “a persuasão só é obtida se o auditório constatar no orador o mesmo *ethos* que vê em si mesmo: persuadir consistirá em fazer passar em seu discurso o *ethos* característico do auditório, para dar-lhe a impressão de que é um dos seus que se dirige a ele” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 58).

Nesse sentido, entendemos que quando o locutor argumenta para convencer os destinatários com os quais compartilha o mundo, coloca seu *ethos* para atuar, de fato, na fabricação de diversos atributos ao seu “eu” que de alguma forma dialogue com o “eles” que se pretende conquistar/convencer. Esse movimento de atribuição de valores, supostamente compartilhados entre o “eu” e o “eles”, visa resultar em um “nós”. Isso é a persuasão.

O poder de persuasão de um discurso resulta, então, em boa parte, do fato de ele levar o destinatário a se identificar com o movimento de um corpo, mesmo muito esquemático, investido de valores historicamente especificados: as ‘idéias’ suscitam a adesão do leitor porque a maneira de dizer implica uma maneira de ser. (MAINGUENEAU, 2020, p. 14)

Na tentativa de aprofundar a discussão sobre *ethos* discursivo, Maingueneau propõe o termo “incorporação” para a maneira como o coenunciador se apropria do *ethos* dado pelo enunciador, em que apresenta um *mundo ético*⁶ repleto de “situações

⁶ Conceito elaborado por Maingueneau que corresponde a um espaço em que são permitidas e determinadas certas ações e movimentos prototípicos dos corpos sociais.

estereotípicas associadas a comportamentos” (MAINGUENEAU, 2020, p. 15), com o qual o coenunciador pode se identificar ou não. A partir disso, portanto, entende-se que na problemática do *ethos*, o papel do ouvinte no ato de enunciação não é passivo, pois ele infere o seu próprio *mundo ético* e o coloca em confronto com aquele dado pelo orador durante a enunciação.

Diz-se então que *ethos* “define uma identidade individual ou coletiva que, por um trabalho de posicionamento implícito ou explícito, deve fazer ‘boa figura’, mostrar uma forma coerente e significativa para determinada coletividade” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 168), a fim de não somente convencer o coletivo, como também fazê-lo sentir-se parte desse *mundo ético*. Nesse sentido, há diversos índices que contribuem para a construção de *ethé* que, não necessariamente, são verbais, mas que promovem a construção de uma imagem de si que coloca em interação “caracteres morais” e “corporalidade”:

Na elaboração do *ethos*, interagem ainda elementos de naturezas muito diversas: da escolha do registro linguístico e vocabular ao planejamento textual, passando pelo ritmo e pelo figurino... não se trata de uma representação estática, mas de alguma forma dinâmica, construída pelo destinatário por meio do próprio movimento da fala do locutor. (MAINGUENEAU, 2020, p. 10)

Dessa forma, o *ethos* é uma noção “híbrida” (MAINGUENEAU, 2020) no sentido em que relaciona questões sociais e discursivas que evidenciam certo comportamento social valorizado que emergirá, sobretudo, de um processo interativo de influência de outros. De acordo com Maingueneau (2020, p. 12), “o *ethos efetivo* de um enunciador resulta, então, da interação entre seu *ethos* pré-discursivo, seu *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), os fragmentos do texto no qual ele evoca sua própria personalidade (*ethos* dito)”. Em outras palavras, temos:

- *Ethos* pré-discursivo: imagem criada pelo destinatário antes da enunciação;
- *Ethos* dito: o enunciador evoca em sua própria enunciação informações sobre si que podem contribuir para um *ethos* não verbal;
- *Ethos* mostrado: é construído pelo destinatário a partir de índices na própria enunciação: escolhas lexicais, complexidade da sintaxe, tom. (CARREON, 2016, p. 75)

Portanto, sabendo que toda enunciação está vinculada a um lugar sócio-histórico e ideológico determinado, todo coenunciador constrói uma imagem do enunciador por meio do seu discurso e, ao mesmo tempo, daquilo que não é dito, daquilo

que silencia, ou seja, o que é da ordem da exterioridade constitutiva. É aí que o *ethos* discursivo reside. Com isso, entende-se que a noção de *ethos* discursivo, do qual nos ocuparemos neste percurso analítico, se desdobra em fragmentos – se podemos tratar assim – que, unidos, propiciam a construção da imagem de si no discurso.

As cenas da enunciação

Sendo referência teórica nos estudos em AD, sobretudo aquela de base enunciativa no Brasil, Dominique Maingueneau aprofunda sua teorização sobre *ethos* ligando-o ao conceito de *cenas da enunciação* (2008b) para operacionalizar a teoria – um dos empreendimentos do autor.

Atando o *ethos* à cena da enunciação, o teórico francês divide-a em três categorias: cena englobante, cena genérica e cenografia. A *cena englobante* diz respeito ao tipo de discurso, uma rede de práticas discursivas que cortam um setor da atividade social: político, filosófico, publicitário, religioso. Tendo em vista que a cena englobante é o quadro a partir do qual os enunciados podem ser produzidos e interpretados, a *cena genérica* é associada ao gênero, realidade tangível, imediata para os usuários do discurso. Ligada ao gênero, que ativa normas de uma instituição de fala prévia, a *cenografia* corresponde à encenação singular dessa enunciação, isto é, os sujeitos desempenharão, na teatralidade que a cena de enunciação apresenta, um papel precisamente previsto pela cena genérica. A esse respeito, Maingueneau (2008b) estabelece que o enunciador de um gênero discursivo só pode usá-lo dentro de um determinado “quadro preestabelecido que sua enunciação não pode modificar” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 51), isto é, existe um quadro cênico estruturador da enunciação. Essa restrição de possibilidades enunciativas demarcada pelo discurso é chamada de *cenografia*:

Aqui *-grafia* é um processo de inscrição legitimante que traça um círculo: o discurso implica um enunciador e um co-enunciador, um lugar e um momento de enunciação que valida a própria instância que permite sua existência. (MAINGUENEAU, 2008b, p. 51)

Por certo, a dinâmica do conceito de cena de enunciação – em especial a noção de cenografia – precisa ser apreendida para a construção de análises discursivas consistentes em se tratando de *ethos*, já que é por meio de cenografias que pensamos no uso dos signos linguísticos, assimilamos que elas são aquilo que, ao mesmo tempo, dão sustentação e de onde emerge o *ethos*. Em síntese, as cenografias – sempre condicionadas à cena genérica

estabelecida – são entendidas como os papéis “encenados” pelo orador, de acordo com suas intenções; são uma teatralidade inconsciente condicionante. Elas estão sempre intimamente ligadas à construção de *ethé*, uma vez que é por meio delas que se consolidam as imagens de si dos oradores que “conquistam” o público. A fim de abreviar o assunto, de acordo com Maingueneau:

a cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra: ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena da qual vem a palavra é precisamente a cena requerida para enunciar nessa circunstância. São os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar e validar o *ethos*, bem como sua cenografia, por meio dos quais esses conteúdos surgem. (MAINGUENEAU, 2008b, p. 71)

Desse modo, é como se a cenografia ancorasse os aspectos determinantes que legitimam certos enunciados e, automaticamente, legitimam também este ou aquele *ethos*. Enfim, ainda de acordo com os postulados do teórico francês sobre as noções de *ethos* e de cenografia tratadas até aqui, o autor sistematiza a “encenação da enunciação” (2008b, p. 53) como:

- um investimento *cenográfico* do discurso faz deste último o movimento em que se elabora uma re-presentação de sua própria situação de enunciação;
- um investimento em um *código linguageiro* permite, jogando com a diversidade irreduzível de zonas de registros de língua, produzir um efeito prescritivo que resulta de uma conveniência entre o exercício da linguagem que o texto implica e o universo de sentido que ele manifesta;
- um investimento imaginário dá ao discurso uma voz atestada por um corpo condizente com a cenografia e com o código linguageiro. (MAINGUENEAU, 2008b, p. 54)

Este é, pois, um dos elementos que nos ocuparemos de analisar, já que está intrinsecamente atado ao conceito de *ethos*.

Imagem de si no discurso político contemporâneo

Importante para essa questão, o semiolinguista francês Patrick Charaudeau, que se ocupa da análise da discursividade política, afirma em sua obra *Discurso político* (2008) que as práticas enunciativas marcam relações de força entre os sujeitos envolvidos

e que são essas forças que constroem o vínculo social, isto é, em todas as manifestações linguísticas há jogo de poder e é nesse jogo que se exerce a política.

Sendo a política um domínio de prática social em que se enfrentam relações de força simbólicas para a conquista e a gestão de um poder, ela só pode ser exercida na condição mínima de ser fundada sobre uma legitimidade adquirida e atribuída. Mas isso não é suficiente, pois o sujeito político deve também se mostrar crível e persuadir o maior número de indivíduos de que ele partilha certos valores. (CHARAUDEAU, 2008, p. 79)

A respeito da articulação da persuasão do orador perante seu público, apontada por Charaudeau, vale retomar o que Maingueneau trata quando diz que “os homens que vivem sob certa constituição política têm determinado tipo de caráter (= *ethos*), e a argumentação do orador deve adaptar-se a isso” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 58). Nesse aspecto, Charaudeau também teoriza sobre o “papel” que o sujeito político tenta evocar: “o político encontra-se sempre tomado por uma dramaturgia que o obriga a construir para si um personagem” (CHARAUDEAU, 2008, p. 85), ou seja, ele cria uma imagem de si que corresponde às expectativas do eleitorado. Assim, “o *ethos* político deve corresponder ao imaginário do povo para ter adesão, numa espécie de contrato de valores socialmente partilhados, aceitos e recomendados” (CARREON, 2018, p. 61).

No domínio político, a maior parte dos locutores está constantemente “na cena midiática e por isso são já associados a um tipo de *ethos* que cada enunciação pode confirmar ou infirmar” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 60). É evidente que o destinatário pode não saber nada sobre o locutor previamente, porém o pertencimento de um texto a determinado gênero do discurso ou a certo posicionamento ideológico já encaminha a expectativa sobre o *ethos*: em um debate político, espera-se que a imagem do sujeito seja a de competente, ponderado, enérgico; já em uma entrevista podem ser esperados outros *ethé*, enquanto em um comício, outros ainda podem vir a surgir. De fato, como se pode observar, a construção do *ethos* é partilhada entre os efeitos de sentido que emergem da cena de enunciação e os valores socialmente valorizados. Charaudeau (2008) declara que “[...] o *ethos* não é mais construído pelo próprio político, mas a imagem de si resulta tanto de estratégias dele próprio, quanto da que lhe é atribuída pelo público, por boatos e pela mídia” (CHARAUDEAU, 2008, p. 182), logo, os coenunciadores que participam da interação também contribuem para a formulação do *ethos* do enunciador político. Porém,

além do jogo entre os sujeitos no ato linguístico, há também aquilo que está no entremeio, ou seja, o social.

Indiscutivelmente, as inovações tecnológicas influenciam em todos os campos da vida social contemporânea, pois cada vez mais as mídias e a *internet* participam do nosso dia-a-dia e, inevitavelmente, modificam nosso senso de valor diante da tamanha enxurrada de informações que nos é disponibilizada diariamente. Por isso, como afirmamos em trabalhos anteriores (CARREON, 2018, p. 34-35), há uma necessidade emergente de se fazer a análise dos “novos modos de se fazer política” visto que “a conectividade, atividade e interatividade das redes sociais surgem impondo novas configurações” às práticas comunicativas.

É nessa relação entre mídia e circulação de enunciados que se constitui o *ethos* político contemporâneo, e será a partir disso que pensaremos em como a imagem de homem de bem pode ser interpretada.

Não eventualmente, o entrelaçamento dos conceitos supracitados é necessário, pois todos se constituem em si mesmos e uns nos outros. Como o *ethos* discursivo retrata as cenografias possíveis e essenciais para que se atinja o objetivo de criar uma imagem de si digna de credibilidade perante determinado público, essa é a estratégia usada no cenário político para a manutenção de poder.

Nesse sentido, com esse arcabouço teórico-metodológico estabelecido, propomos a análise de como se dá a construção do *ethos* discursivo de Jair Messias Bolsonaro, atual presidente da República Federativa do Brasil, tendo como foco a massiva adesão ao seu discurso, que se deu – e dá – basicamente por redes sociais.

A construção discursiva do homem de bem

O cenário e o sujeito político

Desde 1994 as eleições presidenciais no Brasil se configuraram pela dualidade entre PT e PSDB, consagrando a polarização dos partidos nas eleições subsequentes, quando observado nas disputas decididas em segundo turno. Eis que, em 2018, esse bipartidarismo foi rompido por um acontecimento histórico⁷ e discursivo que mudou o cenário político da nação brasileira: a eleição presidencial de Jair Messias Bolsonaro, pelo PSL – um partido de menor representatividade até então.

⁷ Acontecimento histórico em AD é entendido, sucintamente, como “uma verdadeira ruptura com a história linear” (POSSENTI, 2009, p. 126), em que os “discursos circulam e produzem efeitos de sentido próprios do momento histórico determinado.” (CARREON, 2018, p. 38)

Antes de iniciar a análise do nosso material, consideramos importante observar duas sequências discursivas retiradas de sua biografia que, como dispositivo de análise, elucidam as condições de produção dos enunciados a serem analisados. De acordo com a biografia disponibilizada em seu *site*⁸ pessoal, Jair Messias Bolsonaro é:

Nascido em 21 de março de 1955 na pequena Glicério no Estado de São Paulo, Jair Messias Bolsonaro formou-se na Academia Militar das Agulhas Negras em 1977, ingressou na reserva em 1988, no posto de Capitão e concorreu à Câmara Municipal do Rio de Janeiro sendo eleito vereador. Em 1990, dois anos depois de eleito, conquistou o primeiro dos sete mandatos consecutivos no cargo de Deputado Federal. Em seus mandatos parlamentares, destacou-se pela defesa dos direitos dos militares ativos, inativos e pensionistas, lutou contra a erotização infantil nas escolas e por um maior rigor disciplinar nas instituições de ensino, pela redução da maioridade penal, pela posse de arma de fogo para o cidadão de bem e direito à legítima defesa, pela segurança jurídica na atuação policial, pelos valores cristãos e pela família tradicional. Foi idealizador do voto impresso que, caso avance, contribuirá para a realização de eleições mais confiáveis e passíveis de auditoria, além do combate incansável sobre estruturas que promovem e facilitam a corrupção em nosso país. Jair é pai de Flávio Bolsonaro, Carlos Bolsonaro e Eduardo Bolsonaro respectivamente Senador eleito pelo Estado do Rio de Janeiro, Vereador do Município do Rio de Janeiro e Deputado Federal eleito pelo Estado de São Paulo, este último conquistando o segundo mandato com a maior votação do país – 1,8 milhões de votos recorde para uma disputa à Câmara Federal. (BIOGRAFIA, 2020, sem paginação, grifo nosso)

No ano de 2018, Bolsonaro candidatou-se à Presidência da República trocando de partido para disputar as eleições. Ele estava filiado ao PSC e, em seguida, filiou-se ao PSL. Ao seu lado, como vice, lançou em sua chapa eleitoral o general da reserva do Exército, Hamilton Mourão, do PRTB. Ainda de acordo com o *site* de Jair Bolsonaro:

A eleição de 2018 é histórica pois foi marcada por polarizações, enxurrada de mensagens nas redes sociais, fake *news* e principalmente pela arrebatadora e jamais vista, campanha popular que culminou com a vitória do nosso 38º Presidente da República Federativa do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. (BIOGRAFIA, 2020, sem paginação)

O nosso ator político, analisado aqui no que se refere ao seu *ethos* de homem de bem, se mostra dotado de virtudes pessoais, cívicas e administrativas. Mesmo nascido em

⁸ Endereço eletrônico em que são divulgadas informações através de páginas virtuais disponibilizadas na *internet*, sendo acessadas através de um computador ou de outro meio comunicacional. No *site* < <https://www.bolsonaro.com.br/> > estão disponibilizados dados pessoais de Bolsonaro e sua família (com fotos e *link* para acesso ao *blog* ‘Família Bolsonaro’), bem como sua trajetória política, currículo e ações de governo.

uma cidade de interior, por mérito próprio, se forma e conquista altos cargos. Mostra-se competente, trabalhador, dono de um caráter íntegro. Com grande senso de justiça, luta pelos direitos dos cidadãos de bem, defendendo a ordem do Estado “pela redução da maioria penal”, “pela posse de arma de fogo [...] e direito à legítima defesa”. Preocupa-se com a instituição militar e com a educação. Religioso, suas ações sempre estão inscritas nas leis de Deus. É um bom pai, pois criou bons filhos. Preserva os valores da família tradicional. Como líder se mostra firme, que sabe como e o que fazer para o bem da nação, seguindo seus próprios ideais. Além disso, o homem de bem combate, incansavelmente, as “estruturas que promovem e facilitam a corrupção”, ou seja, por sua idoneidade, ele carrega todas as características de um bom governante, por isso entrou para a história quando se elegeu presidente.

Percurso analítico

Em 2019, seu primeiro ano como presidente da República, Jair Messias Bolsonaro participou de eventos oficiais e outros inusitados, como o evento evangélico “Marcha Para Jesus”, realizado em diversas cidades e no Distrito Federal-DF. O recém presidente também inaugurou uma nova forma de governo, realizando *lives*⁹ semanais em suas redes sociais para divulgar suas ações. No entanto, apesar das *lives* constituírem um interessante material de análise, aqui nos ocuparemos de seus pronunciamentos públicos, gravados e disponibilizados no *YouTube*. Transcritos integralmente para a composição de nosso arquivo, o *corpus* de análise é composto por sequências discursivas produzidas após o recorte do material – a partir de gestos interpretativos conforme o método da AD.

Tendo como hipótese compreender a formação do improvável *ethos* de homem de bem de Bolsonaro que, muito possivelmente, gerou grande adesão de um público eleitor específico, mobilizaremos a noção de *ethos* discursivo conforme proposto por Maingueneau para evidenciar que a construção discursiva de homem de bem ocorre por meio de cenografias ligadas ao *mundo ético* do qual Bolsonaro faz parte, culminando nesse *ethos*.

Assim, considerando que todo *ethos* está ligado a uma cena de enunciação específica, na qual o discurso é encenado a partir de certa teatralidade que o constitui, a encenação desse quadro, entendida como cenografia, coopera para a imagem de si que

⁹ Se refere aos eventos que, gravados ao vivo, são transmitidos remotamente, de maneira virtual, *online*.

será constituída. Em outras palavras, entendemos que uma via metodológica interessante para se analisar o *ethos* é compreendê-lo a partir do seu desmembramento em cenografias, o que fazemos, neste artigo, para compreender o homem de bem, cujas cenografias associadas são a de cristão e de pai de família. Portanto, ainda que distintas cenas genéricas possam ser encenadas por distintas cenografias, o que observamos como princípio de regularidade no material é a recorrência de ambas as cenografias que, como ficará evidenciado, levam à construção do homem de bem, uma vez que este é constituído, também, por características morais que são valorizadas socialmente. Nesse sentido, ainda no século XXI, a sociedade brasileira mostra como valores importantes, sobretudo do sujeito político, o fato deste pertencer a uma religião cristã e constituir família tradicional.

A. “Bom dia a todos! A paz de Cristo! Agradeço a Deus pela minha vida, e também a muitos de vocês que, pelas suas mãos me deram essa missão. Eu comecei a lançar nas minhas redes sociais uma nova chamada; duas por semana nessa área. Eu botei na série João 8:32, o que fala da verdade, a verdade tão ausente de nosso meio político. Devo lançar hoje o número três e, obviamente, a gente pega uma passagem bíblica, que tem a ver com o nosso governo: ‘Nada há encoberto que não venha a ser revelado e/ou oculto que não venha a ser conhecido’.”

B. “A vida se faz de momentos, e esse é mais um momento que marcará a minha vida. A paz de Cristo! Vocês são mais que amigos, são irmãos. São homens e mulheres que querem o bem do próximo. E nós juntos podemos fazer aquilo que o povo quer e merece: um Brasil melhor para todos. Ninguém faz nada sozinho; e a força do Executivo com o Legislativo é inimaginável; ainda mais tenho paz e Deus no coração. Vocês estão aqui porque acreditam em Deus e no futuro da nossa pátria. Eu sou apenas um instrumento. Por vinte e oito anos fiquei nessa casa; com o tempo fui sendo compreendido e mais pessoas foram se somando a isso tudo.”

C. “[...] Agora, por nosso lado, temos tudo e temos também um povo maravilhoso; o que que nos falta? Falta a fé. A vontade de vencer. Falta-nos a união. E nós, novos parlamentares, num novo governo que chegou, vai ser a liga para a busca dessas novas soluções. Eu acredito em vocês, meus irmãos parlamentares, porque o que nós fizemos de bom para nós, será de bom para estes que nos seguem e acreditam num Brasil melhor e, acima de tudo, acreditam em nosso Deus.”

Cabe contextualizar que o fragmento (A) corresponde ao pronunciamento que Bolsonaro fez ao participar do evento evangélico “Marcha para Jesus” em Brasília/DF, no dia 10/08/2019. Já nos trechos (B) e (C) temos o seguinte contexto: na Câmara dos Deputados, local em que se discutem os interesses da administração pública do país,

Bolsonaro e outros parlamentares evangélicos organizaram uma cerimônia religiosa em 10/07/2019.

Em (A) e (B), desde as primeiras palavras, o homem de bem demonstra sua estreita relação com o público, colocando-se como um deles durante o pronunciamento, atitude marcada pelo pronome pessoal de primeira pessoa do plural, “nós”, em (B). Também em (A), após fazer os cumprimentos à plateia, Bolsonaro faz menção à missão que lhe foi dada por muitos daqueles que o ouvem. Ao observar a escolha das palavras, entende-se que essa missão se refere ao seu cargo na presidência do Brasil, o que o coloca em uma posição de *escolhido* pelo povo. Verifica-se também que no recorte (A) o pronome possessivo em primeira pessoa do plural – “nosso” – aparece duas vezes, indicando essa conquista política como algo compartilhado e conquistado em conjunto: Bolsonaro e seu eleitorado têm uma sintonia de valores que lhe rendeu a presidência. O mesmo efeito de sentido é encontrado em (B), quando ele se declara como o “instrumento” que vai atender aos anseios do povo brasileiro; não sozinho, mas com a ajuda de seus parlamentares.

Assim como Maingueneau (2008a, p. 58) assevera, “a persuasão só é obtida se o auditório constatar no orador o mesmo *ethos* que vê em si mesmo”, verificamos que quando o homem de bem argumenta, dizendo aos destinatários que juntos eles conseguiram se eleger e podem fazer a diferença o *ethos* passa a ser fabricado em seu discurso, de fato, na valorização do seu “eu” que, de alguma forma, busca formar uma unidade que compartilha ideais. Com seu *status* de eleito, ele comprova ser um homem de bem, pois governará em busca de “um Brasil melhor para todos”.

Simultaneamente, o presidente apresenta a cenografia de *cristão* vinculada à sua imagem de bom governante, já que faz menção a textos bíblicos: em (A), quando Bolsonaro fala sobre seu uso de redes sociais para se comunicar com os brasileiros, inaugura um meio de governar guiado por preceitos divinos, afirmando que a passagem bíblica de João 8:32 “[...] *conhecereis a verdade, e a verdade vos livrará*” (BÍBLIA, 2006, p. 1396) tem a ver com o governo. Aqui, o homem de bem se manifesta por meio da luta pela verdade, pois ele, conforme a biografia citada em tópico precedente, “combate, incansavelmente, as ‘estruturas que promovem e facilitam a corrupção’”. Em (B), recuperamos no interdiscurso a menção à Bíblia. Nesse trecho, o homem de bem declara que ali se encontram “os homens e mulheres que querem o bem do próximo”, trazendo à sua fala o resgate enunciativo relacionado ao ‘desejar o bem do outro’, que se encontra na citação bíblica de Mateus 22:39: “[...] *amarás teu próximo como a ti mesmo*” (BÍBLIA, 2006, p. 1312). Dessa forma podemos, novamente, constatar que para legitimar

a cena de enunciação, a cenografia de cristão é mobilizada, o que cria sentidos da ordem do homem de bem, afinal, é cristão.

Em seguida, o homem de bem, a partir da cenografia cristã, em (C), traz para a cena a confiabilidade e a credibilidade como político: ele trouxe a fé, a união, a vontade de vencer, a renovação e a solução. Ele é a personificação da crença: em um Deus e em um “nós” que compartilha o mundo. Contudo, ao falar de Deus, o precede com o uso do pronome possessivo “nosso”, que pode ser interpretado como uma marca de exclusão de outro(s) deus(es) e, assim, mais uma vez, remete ao que circula interdiscursivamente entre as religiões cristãs de que há um deus certo e outros errados, agradando aos ideais de seus seguidores que vislumbram um Brasil feito para esse “nós” especificado. Chamamos a atenção para a referida marca de exclusão citada, pois de acordo com Maingueneau há nesse *ethos* representado e indivíduo exemplar, encenações de *antiethos*:

O simples fato de opor a singularidade do enunciador e da enunciação representantes à tipicidade do enunciador e da enunciação representados institui uma superioridade: fazer de um locutor um membro qualquer de uma coletividade tem por natureza valor de desqualificação. (MAINGUENEAU, 2020, p. 70)

Isto é, para além das palavras, o *ethos* de homem de bem, por meio da cenografia de cristão, gera efeitos de sentido que, conseqüentemente, levam à adesão a um *mundo ético*. Assim, tais falas, apesar de enunciadas por um sujeito identificado, dotado de nome próprio, são representantes da atitude de uma posição social definida, à qual ele pertence. O *ethos* encarna a fala e a relaciona a um modo de ser cristão e, por consequência, um modo de ser político. Isso faz pensar que, da mesma forma como um pastor guia suas ovelhas, o sujeito guiará o povo brasileiro pelo caminho que ele sabe que é o melhor (para ele e para os que o seguem).

Prosseguindo com o esboço analítico, voltemos ao recorte (B) para destacar outros elementos constitutivos dessa cenografia. Ainda sob a roupagem de cristão, o homem de bem, ao proferir seus cumprimentos aos parlamentares presentes, dizendo “vocês são mais que amigos, são irmãos”, reforça o efeito de proximidade entre eles e, se considerarmos que a palavra “irmão” também está atrelada ao discurso evangélico – já que o termo é empregado como pronome de tratamento comum entre os que compartilham dessa religião –, podemos inferir que a cenografia é legitimada, pois essa designação, além de criar uma intimidade distante entre os sujeitos envolvidos nessa

enunciação, também produz efeitos de sentido que correspondem àqueles esperados em um ambiente religioso. Ainda em (B), o homem de bem volta para si e passa a ocupar, concomitantemente, o papel de governante que pode articular seu poder no Executivo e no Legislativo para melhorar o país, pois sua longa trajetória – “Por vinte e oito anos fiquei nessa casa” – serve como atestadora de sua capacidade administrativa. Nesse aspecto, Patrick Charaudeau (2008) afirma que o *ethos* de credibilidade denota os valores de “sério”, “honesto” e “competente” ao sujeito. Portanto, ao destacar os anos trabalhados na Câmara, o homem de bem busca firmar sua imagem de alguém crível, capaz de.

Dando continuidade ao nosso percurso analítico da cenografia de cristão a qual o *ethos* de homem de bem se filia, ressaltaremos mais alguns recortes dos pronunciamentos:

D. “Quantos tentam nos deixar de lado dizendo que o Estado é laico, mas nós somos cristãos; ou para plagiar a minha querida Damares: ‘nós somos terrivelmente cristãos’. E esse espírito deve estar presente em todos os poderes. Por isso meu compromisso: poderei indicar dois ministros para o Supremo Tribunal Federal; um deles será terrivelmente evangélico. Nós aqui enquanto parlamentares, respeitamos a todas as instituições, mas é ao povo que nós devemos lealdade. Eu agradeço a Deus por esse momento, pela minha vida e pela missão. E essa missão será cumprida ao lado de pessoas maravilhosas que são todos vocês, em especial, Deputados e Senadores. Aí fora temos problemas; em grande parte a solução passa por nós; e tenho certeza, com o pensamento no bem, no próximo e naquele que nos deu a vida, nós daremos a devida satisfação a esses brasileiros maravilhosos que nos botaram dentro dessa casa.”

E. “[...] começa dia vinte uma atividade nossa em Salvador, Bahia, o evento da canonização da Irmã Dulce - um evento católico - onde nós fomos convidados e compareceremos. O Brasil é um país laico, mas nós somos cristãos.”

F. “A todo momento a gente ouve essa esquerdalha: PT, PCdoB, PSOL... essa esquerdalha nojenta falar que o Estado é laico. O Estado é laico, mas eu, Johnny Bravo, sou cristão.”

Contextualizando as situações de fala dos enunciados supracitados, temos (D) retirado do pronunciamento durante o culto na Câmara dos Deputados, em 10/07/2019, (E) corresponde a uma das *lives* que Bolsonaro faz em suas redes sociais, realizada em 25/07/2019, e o fragmento (F) diz respeito à Marcha para Jesus, ocorrida em 10/08/2019.

O *ethos* de homem de bem volta a se apoiar na cenografia de cristão em (D), agora, explicitamente declarada. Ao pronunciar que o “Estado é laico, mas nós somos cristãos; ou para plagiar a minha querida Damares: ‘nós somos terrivelmente cristãos’”, Bolsonaro

deixa nítido seu desprezo a laicidade do Estado, defendida na Constituição Federal de 1988, no Art. 5º, inciso VI, em que se assegura liberdade de crença aos cidadãos brasileiros.

Situando a ele e aos demais – o “nós” – num lugar determinado, o homem de bem, quando cita a ministra Damares Regina Alves, reitera o discurso conservador ao usar o advérbio de intensidade “terrivelmente”, que gera efeitos de sentido em torno de atitude exacerbada. Em seguida, Bolsonaro, cristão, diz que a essência de seu modo de governar é esta e indica que, para compor sua administração, prezarão por pessoas que compartilhem dos mesmos fundamentos religiosos, ignorando novamente a laicidade no comando do país. Sendo assim, nesse aspecto, podemos indicar o que Charaudeau chama de “figura do comandante”:

É mais autoritária, na verdade, agressiva. Trata-se aqui da imagem do senhor da guerra, daquele que pode ser levado a declarar guerras em suas fronteiras (ainda que apenas para desviar a atenção do povo de suas próprias misérias), a fazer declarações guerreiras contra inimigos próximos ou distantes, circunscritos a um país ou formando uma coalizão mais ou menos determinada. (CHARAUDEAU, 2008, p. 159)

Mesmo que tenha se mostrado um tanto agressivo, Bolsonaro visa com esse enunciado (re)identificar-se como cristão, permitindo a construção de um *ethos* de caráter, que “diz respeito a um imaginário de força – de espírito, de caráter” (CARREON, 2018, p. 62), perante seu público. Ele é um homem com retidão de caráter, logo, é um homem de bem.

Ainda em (D), além de buscar a ideia de Deus (com o uso do termo “nAquele”) que dá a vida e dá a união do “nós” para resolver os problemas que existem no país, guiados “com o pensamento no bem, no próximo”, ele volta a falar sobre a “missão” de governar, citada em (A), e diz que “essa missão será cumprida ao lado de pessoas maravilhosas” e para os “brasileiros maravilhosos”. Podemos indicar nessa materialidade linguística um movimento enunciativo que pretende gerar afetividade. Por meio do elogio, o homem de bem quer, hipoteticamente: (i) romper com a imagem agressiva anteriormente evidenciada; (ii) aproximar seus parlamentares para adesão ao seu discurso e (iii) demonstrar apreço sentimental ao povo brasileiro. Com isso, seu discurso gera incorporação a seu *ethos* e ideais.

Nos fragmentos (D), (E) e (F) pode-se observar que um enunciado se repete. Dito isso, precisamos recuperar a análise proposta no próprio trecho (D), no qual a laicidade

do país é abarcada. Como exposto anteriormente, o homem de bem evoca aqui seu papel de temente a Deus, que não se importa com o Estado laico, reafirmando o que funciona como uma espécie de emblema para ele e os coenunciadores com os quais divide um espaço identificado: “*o Brasil é um país laico, mas nós somos cristãos*”.

Focalizando o fragmento (E), verificamos que corrobora nossa hipótese de que a cenografia de *cristão* é fundamental para a construção do *ethos* de homem de bem e, portanto, reforça o fato de ele ser digno de crédito. Ao enfatizar que participará de um evento católico, ele amplia o espaço de adesão ao seu discurso, antes limitado à religião evangélica, pois o “nós” de agora abrange também os católicos. Assim, se compararmos os enunciados de (D) e (E), podemos indicar que o público com o qual o homem de bem fala aumentou.

Desde o princípio, o homem de bem se constrói discursivamente como conservador, guiado por preceitos religiosos. Concomitantemente a esses aspectos, o recorte (F) nos apresenta outra característica dele: a adesão ao discurso e ao *mundo ético da direita*. Ao empregar o termo “esquerdalha” seguido do adjetivo “nojenta”, o homem de bem marca o posicionamento político de *esquerda* de forma pejorativa, demonstrando sua repulsa. Temos, pois, a desqualificação do outro para a fabricação do *ethos*, prática discursiva comum ao discurso político, o que claramente se vê em (F): “A todo momento a gente ouve essa esquerdalha: PT, PCdoB, PSOL... essa esquerdalha nojenta falar que o Estado é laico. O Estado é laico, mas eu, Johnny Bravo, sou cristão”. Ao modificar o emblema “*o Estado é laico, mas nós somos cristãos*” (tratado anteriormente), a cenografia mobilizada para a cena é a de cristão, se colocando em evidência como Johnny Bravo, um personagem de desenho animado estadunidense exibido na TV (canal *teen Cartoon Network*), conhecido por ter um elevado amor-próprio e intelecto pouco desenvolvido, com características de padrão heterossexual, branco, louro, musculoso.

Dessa forma, o *ethos* de homem de bem começa a se constituir por meio da cenografia de cristão, os enunciados analisados revelam esse entrelaçamento entre discurso religioso e o discurso político, em instâncias explícitas e implícitas, o que consolida sua imagem de credibilidade, afinal, ele está de acordo com os ideais (conservadores) de seu partido político (PSL) e, claro, de seu público.

Diante do exposto até aqui, Bolsonaro é o homem de bem que a nação brasileira ansiava ter na gestão do país porque ele faria, juntamente com seus parlamentares, o que é bom para todos, pois sabe *o que* fazer com essa missão que lhe foi dada.

A partir disso, de acordo com a nossa hipótese inicialmente lançada, cabe ainda pontuarmos a outra cenografia a qual o *ethos* de homem de bem legitima. Analisando ainda os recortes de seus três pronunciamentos, verificamos uma encenação distinta da anterior. O homem de bem, dotado de características religiosas, traz para a cena a cenografia de *pai de família* (tradicional).

G. “Vocês têm, pela primeira vez na história do Brasil, um presidente que está honrando o que prometeu durante a campanha. Um presidente que acredita e valoriza a família.”

H. “Estou aqui por livre e espontânea vontade e com o coração batendo igualzinho o de vocês. Todos nós iremos um dia deixar essa terra, e o que a gente faz aqui é para que no futuro, quando deixarmos essa terra, possamos nos encontrar com Ele. As nossas ações tem que ser voltadas nesse sentido. Que pesem alguns outros não concordar, cada um faça o que bem entender no Brasil. Nós faremos a nossa parte. Nós temos um presidente, que além da família e a questão da educação, tem amor ao próximo. Não discriminamos ninguém. Não temos preconceito.”

I. “[...] Aproveitar aqui, que sou obrigado a fazer, propaganda da primeira-dama, senhora Michelle. Está aqui o *Instagram* dela porque ela tem reclamado, e com razão, tem muito *fake* usando o nome dela, assim como tem o meu também. Esse é o *Instagram* da primeira-dama que está com 474 mil inscritos... quem puder se inscrever, o trabalho dela é voltado basicamente para pessoas com deficiência no Brasil. Não é porque é minha esposa, não, ela faz um trabalho maravilhoso antes mesmo de ser primeira-dama; então parabéns a senhora Michelle Bolsonaro e, quem puder se inscrever aqui [...]. Então por favor, o *Instagram*: Michelle (com dois ‘L’) Bolsonaro.”

J. “[...] Vocês sabem o quanto a família sofreu nos últimos governos. Vocês foram essenciais; foram decisivos na busca da inflexão do desgaste dos valores familiares.”

Os fragmentos (G) e (H) são do pronunciamento de Bolsonaro no evento evangélico “Marcha para Jesus” em Brasília/DF, no dia 10/08/2019. O trecho (I) foi retirado da *live* realizada em 25/07/2019 e o (J) ocorreu na Câmara dos Deputados, durante o culto religioso no dia 10/07/2019.

Agora, a partir da cenografia de *pai de família*, o sujeito passa a validar seu *ethos* de homem de bem por meio de enunciados que o mostram como um bom pai, que preserva os valores da família tradicional, afinal “a maneira de dizer implica uma maneira de ser” (MAINGUENEAU, 2020, p. 14). A fim de fazer a manutenção de seu *status* de

confiabilidade, Bolsonaro, o homem de bem, dá continuidade à construção de sua autoimagem.

Verificado em (G), ele se coloca como presidente que “acredita e valoriza a família”, sendo o primeiro governante assim a chegar no mais alto cargo administrativo do Brasil. Aí há a sua inserção em dois cenários coexistentes: presidência e família. Visto que a estratégia de seu discurso é validá-lo como presidente, podemos indicar que ocorre aqui a tentativa do que Maingueneau chama de “incorporação”, pois o *ethos* de Bolsonaro só se dá quando o *mundo ético* que propicia a identificação de seus ouvintes, que incorporam seu discurso. Sabendo que os atributos valorizados por seu público são os conservadores, a figura de um homem confiável é aquela que também demonstra que crê e dá valor à instituição familiar. Por essa razão, conseguimos dizer que assim ele demonstra sua capacidade para administrar o país, pois indica ser confiável.

Em seguida, ancorando-se novamente em preceitos religiosos e conservadores, o recorte (H) demonstra como Bolsonaro tece um discurso de igualdade e compartilhamento de ideais com o público. Utilizando vocabulário pertinente ao universo religioso, o homem de bem indica as razões de sua presença num evento como a “Marcha para Jesus”. Longe de qualquer obrigatoriedade, ele se firma na imagem de cristão (pelo uso do termo “Ele” e pelo uso da expressão “amor ao próximo” tratado em (B)), evocando o “nós” para gerar a proximidade e, em contrapartida, utiliza “outros” para marcar a oposição de interesses. A imagem de si se constitui no comprometimento para com seu público que se preocupa com questões da família, da educação e do bem coletivo, sem distinção. Desse modo, observamos a atuação das duas cenografias analisadas nesse fragmento de seu pronunciamento.

Por sua vez, em (I) observamos que a construção do *ethos* ocorre por meio da utilização das redes sociais para autopromoção. Aqui, Bolsonaro se diz obrigado a fazer “propaganda” de sua esposa, pois ela tem se queixado dos perfis falsos que circulam com seu nome. Chamando para a cena sua vida pessoal, o homem de bem foge do foco da *live*, mas, em contrapartida, promove a sua imagem de bom marido ao manifestar solicitude à família. Com isso, o sujeito também constrói aquilo que é da ordem da intimidade com o seu eleitorado, uma vez que traz para a cena as queixas de sua esposa. Com o intuito de desfazer os mal entendidos na identificação do perfil oficial da primeira-dama, Bolsonaro, além de indicar o número de seguidores que a conta da esposa tem e fornecer a grafia correta de seu nome, ainda a parabeniza pelos feitos em seus projetos de assistência social.

Esse movimento de valorização da esposa reforça sua cenografia de pai de família que, conseqüentemente, fortalece seu *ethos* de homem de bem.

No fragmento (J) verificamos quando o homem de bem, ademais de usar os termos “família” e “valores familiares”, legitimando a cenografia supracitada, destaca a importância de seus companheiros parlamentares – marcados como “vocês” – para que fosse revertido o que ele trata como “desgaste dos valores familiares”, ou seja, até sua chegada ao poder, os governos anteriores desviaram-se desses tais valores. Com esse argumento, Bolsonaro deixa clara a valorização da família, mostrando-se como conservador, que preza por aquilo que mantém as normas cristãs estabelecidas.

Partindo do que se sabe sobre as imagens de si construídas discursivamente, entendemos que as cenografias de pai de família e de cristão, que aqui abordamos, são essenciais para a constituição do *mundo ético* no qual o *ethos* de homem de bem está inscrito, já que é por isso que os efeitos de sentido se firmam e engendram adesão ao discurso.

O *ethos* de homem de bem, portanto, é sustentado por sentidos evocados pelas cenografias que, estando socialmente demarcadas, colocam em evidência valores conservadores, que prezam pela família tradicional baseando-se em convenções religiosas. Por fim, todos os elementos destacados durante esse percurso analítico estabelecem para seu público o estatuto de bom governante de Jair Messias Bolsonaro, atual presidente da República Federativa do Brasil.

Considerações Finais

Ao observarmos o rompimento no protagonismo partidário (na corrida presidencial decidida em segundo turno) da política brasileira entre o PT e o PSDB, nos ocupamos em compreender o discurso que mudou esse cenário que perdurava desde 1994: o acontecimento histórico e discursivo durante as eleições presidenciais de 2018 que levou Jair Messias Bolsonaro a eleger-se como presidente da República Federativa do Brasil, mesmo sendo de um partido político menor. Essa questão nos instou a verificar as razões que levaram Bolsonaro, o candidato impudico, a vencer a disputa por meio da análise de seu *ethos*, compreendendo, nesse sentido, que o *ethos* de seu primeiro ano de governo estava, em boa medida, alicerçado naquele com o qual foi eleito.

Com fundamentações teóricas contemporâneas, firmamos o conceito que norteou a nossa pesquisa: *ethos* discursivo. Tendo o linguista francês Maingueneau como nossa principal referência, buscamos compreender como as imagens de si se constroem no

discurso político, já que boa parte da população aderiu ao *mundo ético* apresentado por Jair Messias Bolsonaro como presidente. Evidenciada na materialidade linguística, a imagem de si – o *ethos* – do presidente improvável construiu-se por meio da mobilização de duas cenografias principais: a de *cristão*, amparada no discurso religioso, que revela valores e ideais pessoais que refletem no fazer político; e a de *pai de família*, que constrói sentidos que dialogam com valores morais e cristãos do que é uma família tradicional.

Sendo assim, e tendo em vista os elementos do *mundo ético* entendidos como importantes para o bom político, digno de credibilidade e confiança, podemos afirmar que a figura do homem de bem construído no e pelo discurso desse sujeito pode ter sido um dos fatores que gerou a adesão de seu eleitorado em época de campanha e que se manteve, ao menos, durante seu primeiro ano de mandato (2019), como pode ser verificado nos pronunciamentos analisados neste trabalho – o que nos permite também hipotetizar que tal *ethos* “aderente”, junto de um discurso imbuído de altos valores cristãos, é o que inaugurou o “bolsonarismo”¹⁰ no Brasil.

Nossa inquietação enquanto analistas, e que justifica a escrita deste artigo, foi justamente compreender a adesão a esse “canto da sereia” que arrebatou o eleitorado, mas que, quatro anos depois, em meio a uma grave crise econômica e sanitária decorrente da falta de gerenciamento federal da pandemia da COVID-19 no Brasil, parece esfacelar-se: o homem de bem, cristão e pai de família, atualmente, deu lugar a outros *ethé*. Questões para analistas do discurso.

REFERÊNCIAS

CARREON, R. O. *Comunicação política e(m) imagens de si: percursos a caminho do ethos semiotizado*. 2018. 221 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

BÍBLIA, Sagrada. *Evangelho segundo São João*. 169ª Edição. Edição Claretiana. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2006.

BOLSONARO, Jair. *Presidente Jair Bolsonaro participa da Marcha para Jesus em Brasília/DF - 10/08/2019*. 2019. (14min51s). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=QSMRCIaMoCc> >. Acesso em 11 de agosto. 2019.

_____. TV. *Bolsonaro anuncia novo ministro do STF terrivelmente evangélico e é altamente aplaudido pela bancada - 10/07/2019*. 2019. (10min18s). Disponível em: < <https://youtube.com/watch?v=ynzgE4YbP-A> >. Acesso em 11 de julho. 2019.

¹⁰ Fenômeno político de extrema-direita que eclodiu no Brasil com a ascensão da popularidade de Jair Bolsonaro.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: < [Constituição Federal Vigente - 0 de 05/10/1988 \(senado.leg.br\)](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) >. Acesso em: 1 de outubro. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. -1 ed. - 1ª reimpressão. - São Paulo : Contexto, 2008.

LIMONGI, F.; CORTEZ, R. *As eleições de 2010 e o quadro partidário*. São Paulo: Novos estud. - CEBRAP, n. 88, 2010, p. 21-37.

MAINGUENEAU, D. *A propósito do ethos*. Trad. Luciana Salgado. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008a.

_____. *Cenas da enunciação*. Organização Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. - São Paulo, Parábola Editorial, 2008b.

_____. *Ethos, cenografia, incorporação*. IN: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *Variações sobre o ethos*. Tradução Marcos Marcionilo. - 1. ed. - São Paulo: Parábola, 2020.

PODER360. *Em live, Bolsonaro fala em extinguir Ancine e ampliar legítima defesa – 25/07/2019*. 2019. (33min33s). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=vc8Aa687-Zw> >. Acesso em 01 de setembro. 2019.

POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. Sírio Possenti. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

Submetido em: 19 de agosto de 2022.

Aprovado em: 09 de setembro de 2022.

Como referenciar este artigo:

SILVA, Rilari Lorena de Anhaia da; CARREON, Renata Oliveira. **O ethos de homem de bem de Jair Bolsonaro: O canto da sereia governamental**. revista *Linguasagem*, São Carlos, v.42, n.1, 2022 p. 49-70.